Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A CLÍNICA EM TEMPOS DE ÓDIO: SEUS EFEITOS NA TRANSFERÊNCIA [1]

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: O artigo visa depurar as elaborações sobre o ódio considerando que se evita levar adiante sua teorização, tanto quanto de tentar articular os impasses que produz na transferência. A retomada do tema do ódio ganha significação especial para aqueles comprometidos em zelar pela formação do psicanalista. A ligação entre o ódio e a política vem, pela psicanálise, marcada primeiramente pelo fato de podermos traduzir tal ligação como sinônimo entre gozo e laço social, ou seja, entre gozo e discurso. Passando pela internacionalização do ódio, o artigo conecta-o à globalização e situa sua significação em psicanálise. Cunha o conceito de vociferação e acaba propondo que a instituição psicanalítica não deixa de preservar condições de sustentação do ódio.

Palavras-chave: clínica psicanalítica; ódios; política; transferência; transmissão.

São Paulo

2023

[1] Texto escrito em São Paulo, em 6 de novembro de 2018.

THE CLINIC IN TIMES OF HATRED: ITS EFFECTS ON TRANSFERENCE

Abstract: The article aims to clarify elaborations on hate insofar as both advancing its theorization further and articulating the impasses hatred produces in the transference have been avoided. The return to the theme of hatred gains special significance for those committed to watching over the training of psychoanalysts. Through psychonalysis, the connection between hatred and politics comes firstly marked by the fact that we can translate such a connection as a synonym between *juissance* and social bond, that is, between *juissance* and speech. Going through the internationalization of hatred, the article connects it to globalization and situates its significance in psychoanalysis. It coins the concept of vociferation and ends up proposing that the psychoanalytic institution does not fail to preserve conditions that support hatred.
Keywords: hatred; politics; psychoanalytic clinic; transference; trasmission.

A CLÍNICA EM TEMPOS DE ÓDIO:
SEUS EFEITOS NA TRANSFERÊNCIA

Primeiras Palavras

Decidi nomear como primeiras palavras um conjunto delas que, na verdade, se resume em uma: Obrigado.

Obrigado aos colegas, em particular a Mariel e suas companheiras de trabalho, que, desde que nos encontramos pela última vez aqui em Recife, a partir do convite de Leticia Fonseca, deixaram marcado o desejo de que eu estivesse presente neste XIV encontro anual Centro de Estudo Freudianos de Recife.

Meu agradecimento se redobra e amplia por ter a oportunidade de saudar e parabenizar meu amigo Ivan Correa, que, nos idos de julho de 1971, retornando de Paris, onde esteve com J. Lacan, assumiu, no mês de agosto daquele ano, o estudo do mestre na Universidade onde lecionava, tendo, naquela oportunidade, traduzido o texto sobre o Estádio do Espelho. Em 1975, na companhia de Jacques Laberge e outros, deu início às conferências sobre a obra de Lacan, na escola Solar da Criança, fundada por Ana Izabel Corrêa e demais colegas.

Meu agradecimento é também uma forma de exprimir minha admiração pelo ensino de Ivan Correa, assim como por seu percurso, que, em diferentes momentos, pude compartilhar. Não somente através dos convites que me fez para apresentar seminários no CEF, época em que íamos sempre apreciar a culinária do Nordeste, ao lado de outros colegas de diferentes pontos do Brasil.

Participamos juntos, talvez muitos não tenham conhecimento, do primeiro cartel do passe que aconteceu no Brasil, no Rio de Janeiro, para escutar e, depois, discutir entre nós sobre o que os passadores nos traziam do depoimento da passante.

Os diferentes compromissos assumidos por cada um de nós acabaram não permitindo que mantivéssemos contato um com o outro na frequência com que acontecia. Cada vez que eu vinha ao Nordeste ou que encontrava um de seus amigos, ou alunos, sempre perguntava por ele. E não cansava de contar para cada um uma história que guardei boquiaberto. Ivan, com mais de setenta anos, subia nos coqueiros, nem um pouco baixos, para tirar coco e entregar a quem estivesse com ele!

Por essa e por tantas outras histórias, eu quero mais uma vez dizer: Obrigado, Ivan! Obrigado pelo seu percurso e obrigado por sua dedicação para com a Psicanálise, deixando exemplos que permitem a cada um de nós viver e reviver com admiração.

Conferência

Decidi valer-me do tema do XLIV encontro anual do Centro de Estudos Freudianos de Recife (2018) para nomear a minha exposição. Encontramos neste, segundo penso, três questões:

Primeira: Estamos em tempos de ódio.

Segunda: Há de se considerar a clínica psicanalítica participando desse tempo histórico no qual o ódio assume um lugar de destaque.

Terceira: O reconhecimento de nosso tempo histórico como tempos de ódio nos leva a admitir seus efeitos na transferência.

Após ter incluído o tema do encontro como título de minha conferência, quero insistir numa constatação, qual seja, nunca se falou, escreveu nem publicou tanto sobre o ódio como agora. E, ainda, nunca se viram tantas manifestações de ódio, públicas e privadas, como neste tempo em que vivemos, sem deixar de lembrar que essas manifestações de ódio atravessam os continentes. Nomeei esse fenômeno de internacionalização do ódio. Para começar situando sua complexidade, é preciso conectá-lo com a globalização. O que significa que não são somente as informações que nos chegam em tempo real, mas também as identificações que esses significantes promovem. Um dos exemplos que mais bem ilustra essa identificação foi a primavera árabe, repercutindo na promoção de outras primaveras nos países do Oriente Médio, tanto quanto no movimento *Occupy em Wall Street*, nos EUA, assim como nas manifestações de 2013 no Brasil (DIAS, 2012).

Uma pergunta se justifica: O que permite afirmar que o ódio esteve presente nesses acontecimentos? E ainda, o que se entende como ódio, enquanto elemento decisivo nesses movimentos que se espalharam pelo mundo?

Para responder a tais perguntas é preciso voltar ao nosso campo de experiência, o da Psicanálise, para começar a situar a significação do que nomeamos como ódio.

Se faço questão de insistir na significação do ódio pela psicanálise é porque ele não se confunde com o que é dito a seu respeito nas religiões, tampouco pelo homem comum. Ou seja, ele não é um pecado a ser evitado nem um insulto ou desatino desmedido reversível pelo gesto de amor (DIAS,2012).

Desde Freud, o ódio não somente participa de nossa constituição através da dinâmica do prazer originário, o qual, para manter uma satisfação de forma inquebrantável, odeia tudo o que impede essa montagem. Ainda, a partir daqui, Freud (1915/2004) nos ensina que o ódio é o nome desse primeiro exterior com o qual o sujeito se confronta. Por isso mesmo, o

ódio introduz, a um só tempo, o exterior associado ao estrangeiro, o qual virá a dar corpo a esse Outro que, numa tríplice temporalidade, faz agir a frustração, a privação e a castração.

Ao nos determos um pouco mais na condição estrutural do ódio, também podemos reconhecer que é através dele que construímos a noção de espaço, uma vez que mantemos com esse Outro uma separação ilusória de que se encontra num lugar, exterior, diferente daquele em que me encontro, no interior.

Vale a pena insistir nesse ponto porque esse exterior estrangeiro com o qual o sujeito procura manter uma relação de oposição e de diferença de lugar, na verdade, é o que vai apresentar a ele o desejo do Outro marcado pelo Nome do pai. Isso significa que lá, onde o sujeito supunha existir um personagem a ser destruído por ser a causa da frustação de suas demandas, o que na verdade existe é um desejo, o da mãe, marcado pela castração, impedindo o sujeito de ser correspondido simetricamente às suas intenções. Sendo marcado pela castração, o desejo da mãe vai introduzir um mais além da criança na relação com ela. E vai permitir, ao mesmo tempo, que a criança, dando significação à perda de seu lugar, realize uma reversibilidade nesse primeiro outro exterior hostil, como íntimo a sua constituição enquanto ser marcado por desejo.

Se, desde Freud (1915/2004), o ódio participa da estruturação é mesmo porque o sujeito, tal como concebido desde a Psicanálise, só se conta pelo Outro, enquanto exterior que vai se imiscuir no interior. Lembrando que esse exterior vai produzir no sujeito o ódio como afeto que responde pela quebra de uma satisfação que se procurava preservar como inquebrantável.

Baseado no que foi exposto até então, podemos acompanhar a retomada que Jacques Lacan fez em relação ao ódio. Primeiro, ele nomeou o ódio como um afeto, ou seja, como sinônimo do que toca o corpo, quer dizer, o ódio produz uma afetação que é o gozo. Daí ter sido cunhada pelo próprio Lacan, no Seminário 20 (1973-74/1985), a expressão *gozódio*. Afirma que o ódio é um afeto e isso é o mesmo que dizer que a economia do ódio se esclarece por uma nova concepção de energia, que não é mais quantitativa, mas, sim, de afetação pelo objeto a que implica o sujeito pela causa do desejo, tanto quanto pela sua consistência de satisfação nomeada como mais de gozar.

A retomada de Lacan sobre o ódio vai implicar sua abordagem numa direção que não se esgota pelo significante; ainda ele o nomeia como uma das paixões do ser, ao lado do amor e da ignorância. Nomear o ódio como paixão é incluí-lo numa tradição que remete a São Tomás de Aquino (1265-1273/2009), em seu texto *As paixões da alma*, na diferença com a concepção de alma que vem por Descartes. Neste último, entre as paixões que intitula como primitivas, encontramos o ódio. O efeito primeiro de incluir o ódio por via dessa

tradição que o assimila como paixão da alma é afirmar que o ódio afeta o corpo, mas também que ódio é efeito de verdade.

Qual verdade, se não aquela mesma que é produzida na relação do sujeito com o Outro? Assim, faço constar, desde agora, que o ódio mantém relação com a verdade que surge como não toda, a partir das afetações que o Outro promove no corpo do sujeito.

Se Lacan incluiu sua elaboração sobre o ódio numa tradição que a reconhece, desde sempre na alma, somos levados a admitir três consequências, a saber:

1º Há uma impossibilidade de eliminação do ódio, mesmo depois de realizada uma experiência de análise. Foi o que ele mesmo afirmou na abertura do Seminário I: "O ideal da análise não é o domínio completo de si, a ausência de paixão" (1953-54/1986, p.11).

2º O ódio se encontra diretamente ligado à dinâmica da transferência. Uma vez que o psicanalista ocupa a função do Outro, promove por sua própria presença, homóloga a seu desejo pela diferença, o sujeito a ter de se haver com o furo que seu desejo introduz, nas demandas que são dirigidas a ele, analista. O manejo do psicanalista faz com que o ódio encontre lugar e possibilidade de elaboração para o sujeito, já que, ao surgir, não deve ser confundido com um manejo equivocado que seriaresponsável pela emergência dele.

Na referência do psicanalista fazendo semblante do objeto causa de desejo, o ódio comparece como um efeito da divisão do sujeito que procurava se manter dissociado de uma fala que o comprometesse com a verdade de seu dizer. Nesse sentido, o ódio se produz no momento em que o sujeito se encontra diante da possibilidade de fazer de seu saber um saber furado, ou seja, marcado pela impossibilidade de se constituir como um saber universitário.

Não por acaso, no Seminário 18 (1971/2009), Lacan vai afirmar que o universitário odeia a psicanálise. E a forma pela qual esse ódio se presentifica é tamponando o furo nele presente com o saber referencial, ou seja, com o conhecimento dos livros.

3º Após ter inserido a elaboração do ódio na tradição da alma, Lacan vai retomar sua articulação através de real, simbólico e imaginário.

Há, portanto, um ódio que comparece pelo imaginário, que se refere à tensão que a rivalidade com o pai faz constar desde os primeiros momentos de subjetivação. Isso porque o ódio dirigido ao pai é o efeito de a criança constatar que o desejo da mãe é mobilizado por um terceiro, a ser nomeado só depois como pai, responsável pelo abalo de sua insistência, ao não ser correspondida em todas as suas demandas.

Há um ódio estruturado pelo simbólico que faz com que o sujeito, depois de ter nomeado o terceiro na relação com a mãe, se dirija a ele de forma agressiva, tentando

desqualificá-lo como digno de ocupar o lugar que orienta o desejo dela. Portanto, o ódio pelo simbólico, ainda que fazendo uso das palavras de forma aviltante e degradante, se mantém na referência da fala e da linguagem.

Há um ódio que comparece pelo real, entendendo que o real seja definido como impossibilidade de o simbólico manter sua efetividade. Nesse sentido, o ódio pelo real é a colocação em exercício da destruição do Outro. Ele é a transgressão do princípio bíblico – não matarás –, o qual é também o princípio que estrutura as leis da linguagem.

Indicar a existência dos três ódios referidos a R.S.I. implica admitir que há possibilidade de essas três modalidades de ódio se atualizarem no mesmo sujeito, a depender do tipo de discurso do Outro que se dirige a ele.

Antes de voltar ao início de minha exposição, onde procurei mostrar que há presença do ódio no laço social suscitado pelas revoltas populares, quero assinalar que, ao mesmo tempo em que o ódio é uma paixão do ser, por fazer parte de nossa constituição, ele também comparece fazendo ser, pelo ter. Trata-se de um artificio para manter sempre renovada a necessidade de ter ódio, ou seja, ser alguém que se conta como mantendo consigo um objeto que dá ser àquele que odeia.

Sim ou não encontramos nesse ser, que odeia de maneira profunda, a explicitação da ligação do ódio como gozo? Não foi por acaso que Lacan cunhou a expressão gozódio. Trata-se de um gozo, na extensão com o laço social, que, a depender do discurso que vem do Outro, pode ser potencializado com maior ou menor poder de violência e destruição. Como muito bem disse o escritor israelense Amós Oz (2016), o fanatismo começa dentro de casa, tal como o ódio, de dentro da relação com o Outro com o qual nos estruturamos.

O ódio não somente é suscitado no sentido de eleger um inimigo e procurar destruí-lo, como ainda o ódio se transmite. Ele participa de uma transmissão da recusa do Outro, que se dá a ver pelos que estão à volta. É preciso entender que há uma modalidade de transmissão da recusa que se efetiva pelo gozo que o ódio promove. Transmite-se uma posição de gozo, pela sustentação inabalável do ódio. Encontramos aqui os ódios atávicos.

Se faço questão de depurar as elaborações sobre o ódio é porque há uma evitação de levar adiante sua teorização, tanto quanto de tentar articular os impasses que produz na transferência.

Quando evitamos de nos haver com o ódio, evitamos reconhecer que a teoria da transferência, que, em Freud (1915/2004), inclui o ódio como transferência negativa, é limitante. Limitante por quê? Limitante porque considera que o ódio seja possível de elaboração na transferência.

Ao contrário, o ódio pode interromper a transferência, muitas vezes para permitir

que o sujeito saia e conserve seu modo de gozar, pelo ódio, garantindo, assim, com argumentos frágeis, a degradação da experiência analítica. É uma aposta na maldição.

Encontramo-nos num tempo histórico, nomeado pelo 44º encontro como tempos de ódio. Mas, por que são tempos de ódio? Cada vez mais se vê disseminado, à nossa volta, um conjunto de ligações entre o ódio e a política; contudo, na maior parte das vezes, constatamos a inexistência de um esclarecimento sobre seus fundamentos.

A ligação entre o ódio e a política vem, pela psicanálise, marcada primeiramente pelo fato de podermos traduzir tal ligação como sinônimo entre gozo e laço social, ou seja, entre gozo e discurso.

Quando falei, no início, que as manifestações produziram identificações é porque começou a vir a público um ódio dirigido ao Outro do discurso, no caso, o discurso do capitalista, que se supunha encontrar seus meios de expressão pelos dispositivos políticos habituais, tal como estabelecidos nas sociedades democráticas.

Acontece que os diferentes consentimentos que as democracias deram ao mercado tiveram como consequência, nos cidadãos, uma descrença quanto ao poder de proteção e ajuda do Estado.

Quando acontece o que não era previsto, de o sistema político falhar na sua representatividade, os sujeitos não apenas protestarão junto ao que está instituído, mas também se valerão do ódio para serem escutados em suas causas, ou seja, o ódio dá sustentação à voz, como aquilo que se perde do Outro, para poder falar. Nesse sentido, o ódio é um afeto que participa internamente da política, do laço social. E quando comparece na transferência em momentos políticos como o de agora no Brasil, não é somente para manifestar contrariedades sobre posições políticas. Antes ainda, é sempre encontrando consentimento para odiar que a experiência da análise se detém ou se interrompe. Não se trata de abordar temas políticos nos divãs tão somente, mas trata-se de reconhecer que o gozódio faz barreira ao inconsciente, ao esvaziamento das convicções e das certezas.

A psicanálise é uma experiência que implica o sujeito numa relação com a verdade. E a verdade toca o real pelo afeto. Quando se trata do ódio, trata-se de reconhecer a verdade enunciada por Lacan no Seminário 20 (1972-73/1985): “O ódio (...) é mesmo o que mais se aproxima do ser, que eu chamo ex-sistir. Nada concentra mais ódio do que esse dizer onde se situa a ex-sistência” (p.164).

Podemos, assim, afirmar que há ódio porque, através dele, aproximamos o ser falante de sua estruturação primeira com o Outro.

Não deixa de ser oportuno, retomando a presença do ódio na transferência, que ele modela o desejo do obsessivo, enquanto desejo de destruição dos signos do desejo do Outro.

O que nos adverte quanto à atualização necessária do ódio na transferência do sujeito obsessivo com o analista, enquanto condição para o avanço da experiência.

No que se refere à neurose histérica, o ódio comparece quando ela não se sente reconhecida no lugar que lhe é habitual por sua estruturação, qual seja, aquela que vai fazer desejar. Supõe, assim, poder se curar de sua própria impotência. Pelo exposto, a potência do ódio nos leva a admitir a presença do incurável no âmago da constituição do ser. Diante disso, a psicanálise se encontra com o fracasso. Fracasso esse que participa de sua estrutura tanto quanto, segundo Lacan (1974/2005), garante a sobrevivência de sua práxis.

Para concluir, deixando em aberto, cunhei o significante vociferação para indicar a tomada do sujeito por um discurso que retira a voz de cena, promovendo efeitos deletérios que podem ser indicados sob tais condições. Dentre tais efeitos deve-se destacar a presença do ódio como condição para sustentar a fala. Pode-se notar que, dessa maneira, o ódio cumpre função de permitir que o sujeito seja escutado, ao mesmo tempo em que realiza a destruição do Outro. O exemplo paradigmático que ilustra a que me refiro são as palavras pronunciadas pelos homens e mulheres bomba, antes da explosão de seus corpos: “Allaku akbar” (Deus é maior).

Que as vociferações coloquem em cena o poder letal das religiões através dos fanatismos nos convida a considerar que nosso laço social é efeito de uma mutação do sentido religioso. Trata-se de um empuxo à destruição e não mais à ligação. Tal condição nos leva a articular o sentido de seus tratamentos possíveis.

Que Jacques Lacan tenha advertido que o “ódio vem do futuro” (LACAN, 1953-54/1986, p.185) nos deixa suficientemente comprometidos com a responsabilidade de lidar com as polarizações que hoje se apresentam à nossa volta. Principalmente se admitirmos que a ignorância, como uma das paixões do ser, nos convida sempre a não querer saber de nada disso que faz parte de nossa constituição. Não é preciso entender essa frase como exercício de verdade, mas de atualidade a partir da constituição.

Para aqueles que se mantêm comprometidos em zelar pela formação do psicanalista, a retomada do tema do ódio ganha significação especial, na medida em que a instituição psicanalítica não deixa de preservar, em seu interior, condições de sustentação do ódio. Condições essas que fazem barreira aos avanços das análises, tanto quanto de conclusão das experiências.

Que essa preservação do ódio seja um fator que se recolhe na vida pessoal, assim como nos laços que os psicanalistas constroem, é algo que se mantém como um impasse.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. (1265-1273). As paixões da alma. In: _____. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, vol.3.

DIAS, M. M. **Os ódios: clínica e política do psicanalista**. São Paulo: Iluminuras, 2012.

FREUD, S. (1915). O Inconsciente. In: _____. **Obras** Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 2: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (pp. 13- 74). Rio de Janeiro: Imago, 2004.

LACAN, J. (1974). **O triunfo da religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1972-73). **O Seminário: livro 20: mais, ainda.** Versão brasileira de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1971). **O Seminário: livro 18: de um discurso que não fosse semblante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. (1953-54**). O Seminário: livro 1: Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

Oz, A. **Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo**. Trad: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.